

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIV • 2005

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MADEIRA, José Luís, *O Desenho na Arqueologia*, Cadernos de Arqueologia e Arte, 5, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2002. 107 p., ilustr. ISBN: 972-9004-15-3.

O presente trabalho insere-se na série Cadernos de Arqueologia, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, destinada, principalmente, aos alunos de Arqueologia mas também a todos os que se interessam por temáticas ligadas a esta ciência. José Luís Madeira, o seu autor – inclusive dos desenhos, da composição e do *design* gráfico – é técnico superior no referido Instituto e tem-se especializado no desenho arqueológico.

Embora sintético, este manual tem a virtude de mostrar a importância do desenho arqueológico como forma de expressão ao serviço da Arqueologia, a sua utilização e importância, o registo do trabalho do arqueólogo para a posteridade. Vem colmatar, por isso, uma lacuna que se fazia sentir, pois nada sobre esta temática fora publicada entre nós até ao momento.

Síntese clara, de leitura fácil e acessível, em que o Autor apresenta o desenho como uma ‘ferramenta’ imprescindível ao arqueólogo. O texto vem acompanhado por 90 figuras, a preto e branco, apresentadas de forma simples e despretensiosa, mas cuidada; todas alvo de uma escolha criteriosa no intuito de tornarem o texto ainda mais compreensível.

Após curta «nota preliminar», seguem-se nove capítulos: Introdução (p. 7-8); Objectivos (p. 9-11); A Cerâmica (p. 13-31); O Vidro (p. 33-35); O Metal (p. 37-45); O Material Lítico (p. 47-57), Instrumentos de Apoio (p. 59-61), Escavação: técnicas e métodos de representação (p. 63-77), A Topografia (p. 79-85). A terminar, um pequeno glossário de imagens (p. 87), as referências bibliográficas (p. 101) e o índice geral (p. 107).

O Autor considera, na sua Nota Preliminar (p. 5), o desenho como um “meio privilegiado e fantástico de expressão”, neste caso ao serviço “da informação e da documentação arqueológica” pelo que o seu livro pretende constituir uma síntese singular e rigorosa “dos conhecimentos técnicos essenciais de suporte inicial aos interessados nesta matéria”.

A leitura da Introdução é primordial para o leitor compreender a importância do desenho arqueológico. O Autor alerta para o facto de a intervenção arqueológica *destruir* de forma irremediável a primeira visão do passado trazido à luz pelo arqueólogo. É preciso preservá-lo fora do seu contexto e fazê-lo chegar ao grande público. Daí que o desenho seja tão importante para a recolha de dados e “como prolongamento visual do instante” (p. 7). Apontam-se, de seguida, algumas regras básicas e comumente aceites no âmbito da Arqueologia, no que toca à reprodução gráfica dos achados, estruturas, planos, cortes, entre outros, que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes.

O capítulo “Objectivos” menciona a fiabilidade informativa que o desenho adquiriu ao longo dos anos para a Arqueologia, como suporte da descrição textual e da fotografia. O Autor descreve como este, com o passar dos séculos, se tornou

imprescindível para os arqueólogos como forma de prolongar o passado, tornando visíveis as memórias do tempo.

Os capítulos seguintes, que constituem o corpo principal da obra, têm o privilégio de apresentar, de forma concisa e de grande perceptibilidade, os métodos e as técnicas específicas do desenho arqueológico. Como é um trabalho destinado principalmente a estudantes de Arqueologia, obedece a certos limites, sendo estes capítulos bastante sintéticos, mas de grande rigor e arguto poder de análise. Bem esquematizados e ponderados, demonstram o notável conhecimento do Autor neste domínio. Neste sentido, cada capítulo trata, sumária e individualmente, o uso do desenho em diversas vertentes: cerâmica, vidro, metal, material lítico, entre outros. No fundo, o texto apresenta de maneira eficaz, inteligível e consensual os princípios gerais que norteiam a representação gráfica destes objectos. Digno de elogio é o recurso frequente a uma boa selecção de figuras, que tornam o texto mais claro, condição necessária para a uma mais correcta interpretação.

O capítulo seguinte enumera os instrumentos obrigatórios e imprescindíveis que o arqueólogo deve usar para elaborar os seus desenhos. Mais uma vez, o Autor utiliza uma linguagem perceptível, para todos os que se interessam ou desejam ampliar os seus conhecimentos neste campo. A seguir, no capítulo oito, são descritas as técnicas e os métodos de representação gráfica utilizados pelo arqueólogo durante a escavação, de forma a interpretá-los e a mostrá-los correctamente ao público. O último capítulo é dedicado à topografia. A inclusão deste capítulo é de realçar, dado que a descrição e a representação da zona onde se realiza o trabalho arqueológico são de extrema importância, para se interpretar o seu aspecto e os recursos que possui e que foram aproveitados em benefício próprio pelas comunidades que se estabeleceram em determinados locais ao longo dos tempos. Daí que compreender uma carta topográfica seja de grande importância.

A consulta do Pequeno Glossário de Imagens revestir-se-á, igualmente, de grande utilidade.

Trata-se, enfim, de um bom instrumento de trabalho, uma referência para simples consulta de dados ou ponto de partida para tarefas de maior especificidade. Uma publicação fundamental, cujo aparecimento já se justificava; um óptimo guia de aprendizagem, principalmente para os futuros arqueólogos, das técnicas mais usuais e rudimentares; e uma forma de consciencializar e mostrar a importância do desenho para a Arqueologia.

Margarida I. Nunes